



REVISTA ELETRÔNICA DE MODA.
volume 4 • número 2 • setembro/dezembro de 2016

MEMÓRIAS VESTIDAS: (RE)CRIAÇÃO DE MODA A PARTIR DA MEMÓRIA

Aline Barbosa da Cruz Prudente¹

Anna Thereza Kuhl²

RESUMO

Com o objetivo de melhor compreender uma experiência educacional, este artigo descreve e analisa a prática de um projeto cultural sobre recriação de trajes que se relacionam com memórias de pessoas comuns, muitas sem formação na área da moda e de classe baixa.

Palavras-chave: Figurino. Memória. Traje de época.

Introdução

O projeto “Memórias Vestidas – Re-construção de indumentária” foi financiado pelo Programa de Ação Cultural (ProAC) e desenvolvido a partir da colaboração entre artistas de diversas linguagens, com produção e idealização de um coletivo de figurino. Todos os artistas e profissionais envolvidos foram mais que colaboradores, sendo também coautores deste projeto. Entre esses profissionais, além de duas figurinistas, estão dois fotógrafos, um designer e *videomaker* e uma professora de costura e modelagem.

O objetivo principal deste projeto girou em torno da memória da indumentária, sendo entendida como figurino/obra artística, registrada nas linguagens do vídeo e da fotografia. Para além de seus fins artísticos e culturais, também se desenvolveu como recuperação de memórias e história de vida, auto estima e cidadania dos participantes envolvidos. Foi um processo muito rico, que teve três eventos como produtos: uma exposição de trajes e fotografia,

¹ Mestrado em andamento em Artes Visuais -Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Graduação em Artes Visuais – UNICAMP.

² Graduada em Produção Audiovisual - UFSCAR.



REVISTA ELETRÔNICA DE MODA.
volume 4 • número 2 • setembro/dezembro de 2016

um desfile de moda e um registro fotográfico e audiovisual do processo, publicado em endereços virtuais³.

A duração total de projeto foi de 9 meses, desde sua pré-produção até a desprodução da exposição. Todo o processo, entre oficinas e exposição ocorreu no Museu da Imagem e Som de Campinas, um órgão da Secretaria de Cultura de Campinas.

A Oficina e o Resgate de Memórias

O curso aconteceu com uma turma formada por onze participantes mulheres, apesar do curso ser gratuito e oferecer 15 vagas. Desistências ou falta de comprometimento por parte do público parece ser uma dificuldade inerente ao processo de formação de público, não só dos programas de cultura no estado de São Paulo, como em todo Brasil, mas principalmente em regiões do interior, mesmo que em uma grande cidade, como Campinas. Exatamente por isso, se mostra de tamanha importância a existência de um Programa de Ação Cultural, que contemple uma porcentagem de projetos em relação ao interior paulista.

A oficina oferecia vagas prioritariamente para a terceira idade, porém houve uma grande procura por jovens, que foram aceitos no curso e proporcionaram um encontro de gerações que enriqueceu o processo. Das onze participantes, seis tinham faixa etária acima de 60 anos e cinco mulheres de faixas etárias diversas, de 18 a 50 anos. Estas alunas também tinham origens e classes sociais distintas, o que resultou em trocas muito ricas em relação à experiências de vida.

O projeto contou com uma oficina de 10 encontros de 3 horas, nos quais as alunas tiveram a oportunidade de aprender a teoria do processo de criação em moda e figurino, como pesquisa, painel de referências, cor, história da moda, como também desenharam e confeccionaram os próprios trajés.

³ Site: memoriasvestidas.tumblr.com e Canal: <https://www.youtube.com/watch?v=R7ufSu9P-iM&list=PLOasGOzF5v-biCOzM-5eVj30FFBQ6rfVK>

A pergunta norteadora para a escolha do traje a ser confeccionado foi “Que Histórias Você Veste?”. A partir de uma roupa usada em um momento marcante na vida das participantes, as alunas aprofundaram sua pesquisa com imagens e redesenharam esse traje, muitas vezes associando outros elementos sensoriais do momento especial escolhido.

Neste momento aconteceram vários confrontos com memórias tristes que surgiam. Mexer com objetos ligados a pessoas que perdemos nem sempre é algo fácil, mesmo após algum tempo que a perda tenha ocorrido. Sobre isso, autora Auslander nos explica que,

[...] Os seres humanos precisam de coisas para individualizar, diferenciar, e identificar; Os seres humanos precisam de coisas para expressar e comunicar o não-dito e o indizível; Os seres humanos precisam de coisas para se situar no espaço e no tempo, como extensões do corpo (e para compensar os limites do corpo), bem como para o prazer sensorial; Os seres humanos precisam de objetos para se lembrar de forma eficaz e esquecer; e precisamos de objetos para lidar com a ausência, com a perda e com a morte⁴. (AUSLANDER, 2005, p. 1019, tradução nossa).

Pelo fato dos objetos serem algo tão importante na materialização da memória, trabalhamos com uma pesquisa do imaginário das alunas envolvendo diversos objetos, tais como: retalhos de tecido, desenhos, recortes de revistas, objetos afetivos, músicas, e principalmente imagens e fotografias familiares de cada participante.

A aluna M.T.R.M. (63 anos), por exemplo, trouxe um caderno de bordados de sua mãe, que havia sido costureira e bordadeira. Em seu traje, a aluna elaborou um desenho a partir de um vestido que a mãe havia feito para ela na infância com um delicado bordado de pérolas (Figura 1).

⁴Do original: “[...] human beings need things to individuate, differentiate, and identify; human beings need things to express and communicate the unsaid and the unsayable; human beings need things to situate themselves in space and time, as extensions of the body (and to compensate for the body's limits), as well as for sensory pleasure; human beings need objects to effectively remember and forget; and we need objects to cope with absence, with loss, and with death”. (AUSLANDER, 2005, p. 1019).



Figura 1 – Foto de detalhes da roupa da aluna M.T. R. M.
Fonte: Fotógrafo Maycon Soldan

Por se tratar de um curso de memórias, houveram diversos casos de alunas que trouxeram memórias de pessoas próximas já falecidas. Um dos primeiros exercícios feitos na primeira aula consistia em escolher entre diversos retalhos, os quais teriam algo que se relacionasse a sua história. Numa próxima aula, os alunos trouxeram fotos antigas de si mesmo. Neste momento, o projeto de M.A.V.B. (57 anos) teve um grande desenvolvimento. A aluna havia escolhido um tecido floral e um *voil* com bolinhas brancas, mas não sabia exatamente ao que se referia de sua infância. Ao analisarmos as fotos trazidas com dificuldade pela aluna, pois havia perdido a mãe a pouco tempo, foi constatado que em uma das fotos que ela havia de sua mãe, ela vestida um vestido com estampa floral e, na outra, que era de seu casamento, seu vestido parecia ter um *voil* de bolinhas. Este *insight* foi de grande importância para a aluna, até para sua própria superação de luto (Figura 2).



Figura 2 – Aluna M.A.V.B.
Fonte: Fotografa Monique Souza

Nem com todas as alunas tiveram esse desenvolvimento positivo. Algumas vezes, confrontadas com a morte (mesmo não sendo esse o intuito da oficina) as alunas desistiam do curso. Como é o caso de C.E.A. (34 anos), que estava com o pai hospitalizado na mesma época.

Em casos delicados com esses, os objetos ligados às pessoas já falecidas podem ser tanto cruéis, quanto reconfortantes. Muitas pessoas escolhem se desfazer destes objetos, pois para elas esta ação apagaria um traço vazio da pessoa, a lembrança do que foi perdido, como se o objeto tivesse uma presença fantasmagórica. Como exemplifica Stallybrass (1993), “As roupas em seus armários ainda estão penduradas ali, segurando seus gestos, sendo tanto reconfortante, quanto terrível, tocando os vivos com os mortos” (STALLYBRASS, 1993, p. 36, tradução nossa)⁵.

⁵ Do original: “The clothes in their closets still hang there, holding their gestures, both reassuring and terrifying, touching the living with the dead” (STALLYBRASS, 1993, p. 36)

Auslander, por outro lado, aponta o efeito reconfortante de objetos, dando o exemplo de um homem que mantém casacos da esposa e depois de algum tempo, no processo de luto, ele o veste. Tisseron e Tisseron-Papetti⁶ argumentam que o contato físico com o tecido que revestia sua esposa não só o reconecta com ela, mas também o faz completo novamente:

Porque as emoções ligadas à pessoa perdida não estão mais na psique, mas depositadas em certas partes do mundo ao redor e se fundiram com esses objetos, eles fazem muito mais do que fixar uma memória. Eles promovem o reencontro da pessoa perdida e a parte do self que tinha estado em contato com ela⁷ (TISSERON; TISSERON-PAPETTI, apud AUSLANDER, 2005, p. 1020 tradução nossa).

No processo de resgate de memória nos vimos em limites tênues, entre as boas nostalgias e as dores da saudade, o que se concretizava em objetos e muitas vezes roupas.

Outra aluna, L.R.B. (22 anos) trouxe uma camisa que pertencia ao seu avô já falecido. Esta foi ajustada para caber nela e fez parte do projeto. Ao final, ela escolheu retratar tanto o avô, quanto a avó que ainda é viva, pelo motivo dos dois terem participado ativamente de sua criação. Nota-se que a camisa de flanela xadrez, sobrepôs-se ao traje da avó, sendo o elemento mais importante da sua criação (Figura 3).

⁶ Yolande Tisseron-Papetti and Serge Tisseron, *L'erotisme du toucher des étoffes*. Paris. 1986.

⁷ Do original: "Because the emotions tied to the lost person are no longer held in the psyche but deposited in certain parts of the surrounding world and melded with those objects, they do a great deal more than to fix a memory. They reunite, inextricably combined, the lost person and the part of the self that had been in contact with her." (AUSLANDER, 2005, p. 1020)



Figura 3 – Aluna L. R. B.
Fonte: Fotógrafo Maycon Soldan

A fase de resgate de memória e criação não foi só importante para as alunas como forma de superar o luto, como descrito anteriormente, mas também foi uma forma de olhar para tempos difíceis da vida que foram superados. Como foi o caso I.M.B. (38 anos), que sofreu um acidente que a impossibilitou de andar por meses. A primeira vez que saiu andando de casa, a aluna usava um vestido com floral em fundo preto, o qual ela decidiu reconstruir. A partir do olhar de um dos fotógrafos, foi criada uma foto poética sobre sua história de superação e persistência (Figura 4).

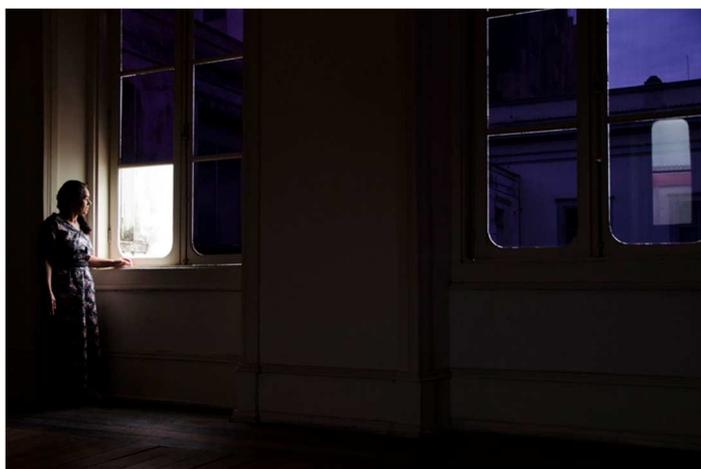


Figura 4 – Aluna I.M.B.
Fonte: Fotógrafo Maycon Soldan.

Após um momento de pesquisa e desenho, as alunas tiveram uma consultoria com uma professora de costura que tem pesquisa na área indumentária popular de época. Neste momento, as referências foram afinadas, especialmente das alunas mais jovens, que haviam escolhido fazer trajes de seus avós.

Na semana seguinte, as alunas tiveram a oportunidade de ir às ruas de Campinas em busca de materiais para confecção de suas criações. Demos preferência por brechós, onde as alunas puderam encontrar algumas peças que se encaixassem em seus projetos com alguns ajustes, além de pedaços de tecidos e toalhas que haviam sido descartados por outras pessoas. Só então fomos às lojas de tecidos e aviamentos em busca do que faltava. Com isso, buscávamos tornar o projeto mais sustentável e conscientizar as alunas da importância do reaproveitamento.

Com os materiais comprados, as alunas começaram as confecções e ajustes com a professora de costura e a supervisão das duas figurinistas, as quais duraram 4 aulas. Na semana seguinte, as alunas tiveram dois dias para os ensaios fotográficos, ambos com maquiadoras e cabeleireiras para ajudá-las a compor o visual de acordo com cada traje. O primeiro dia ocorreu no próprio MIS Campinas, que é situado no Palácio dos Azulejos, prédio histórico construído no século XIX. No segundo dia, fomos para o CIS Guanabara, antiga estação de trem da cidade, atualmente um espaço cultural.

As sessões fotográficas foram de extrema importância para a concretização da memória resgatada e para o aumento da autoestima e convívio das alunas.

Encontro de Gerações

Apesar da oficina ter sido pensada para um público de terceira idade, a alta procura por jovens nos fez abrir vagas para outras faixas etárias. No mesmo

ano já havíamos feito uma oficina com o propósito de encontro de gerações, mas nesta, na qual focamos em memórias, houve um maior entrosamento entre as alunas e atraiu pessoas da mesma família, como é o caso de I.S.R (18 anos) e a avó M.M.R. (78 anos), que veio frequentar as aulas a pedido da neta (Figura 5).

I.S.R. tem grande paixão pela moda e se inspira muito na avó por ela ter sido costureira a vida inteira. A princípio a jovem queria recriar o vestido de casamento da avó, mas devido ao tempo da oficina e após um aprofundamento na história das duas participantes, descobrimos histórias mais significativas para cada uma. A jovem decidiu criar uma roupa com silhueta dos anos 60, como uma forma de homenagem à avó, mas reproduzindo uma blusinha frente única rosa, que ela vestiu por vários anos de sua infância, como se a blusa se adaptasse ao seu corpo de criança em desenvolvimento, alterando seu tamanho, de acordo com a idade; fato percebido durante a pesquisa de fotos pessoas da oficina. Já a avó recriou um vestido de uma história, que não tem registro fotográfico, mas o qual ela lembra com detalhes:

Este vestido é de quando conheci meu querido marido há 58 anos atrás. No dia em que eu estava pela Vila Brasilândia, quando passei na frente da casa dele, eu estava com um livro na mão, um hinário. Joguei pra cima dizendo: “Wenceslau, você é meu”. Depois de um ano, nos casamos, vivemos 55 anos juntos, tivemos filhos e fomos muito felizes. Só agradeço a Deus por tudo. (M.M.R., 69 anos)



Figura 5 – Desfile com as alunas I.S.R e M.M.R..
Fonte: Fotógrafo Maycon Soldan

A neta e a avó já eram bem próximas e o processo da oficina as aproximou ainda mais (figura 5). Essa aproximação entre alunas aconteceu também entre pessoas de origens distintas, como é o caso de duas alunas, que já haviam participado de outras oficinas oferecidas pelo coletivo de figurino e, neste curso elas conseguiram trabalhar juntas. A aluna R.M.A.M. (69 anos) decidiu fazer suas criações exaltando a passagem do tempo e se inspirando nos anos 1920, o qual ela admira muito, mesmo não tendo vivido nesta época. O que a inspirou também foi a aparência de L.M.R.F. (19 anos), que a fazia lembrar de atrizes dos anos 1920. A partir disso, R.M.A.M. decidiu criar dois figurinos nos anos 1920, um para ela e um traje de banho para L.M.R.F.. Esta relação especial entre as duas alunas foi especialmente registrada pelos fotógrafos (Figura 6).



Figura 6 – Alunas R.M.A.M. e L.M.R.F..
Fonte: Fotógrafo Maycon Soldan.

Exposição

Para a abertura da exposição foi organizado um desfile em que as alunas puderam vestir os trajes criados, mais um vez contando com a maquiagem e cabelo produzidos por uma profissional. Tal experiência foi muito enriquecedora para a autoestima das participantes, e também funcionou como uma plataforma de divulgação para a exposição, que durou três semanas.

Após a desmontagem da exposição no MIS Campinas, esta seguiu para o espaço CIS Guanabara (Unicamp), a convite de alunas que estão em contato com este espaço, como funcionárias ou como frequentadoras. A exposição aconteceu durante uma Feira Cultural.

Considerações Finais

Reunimos neste artigo parte das onze histórias particulares de pessoas, que à primeira vista são desconhecidas, mas que após um olhar mais atento, podem se tornar familiares e nos fazer lembrar de nossas próprias histórias, de nossas próprias texturas e cores, de nossos amados que já partiram.



REVISTA ELETRÔNICA DE MODA.
volume 4 • número 2 • setembro/dezembro de 2016

Muitas vezes, nos vimos entre sentir os sabores do passado novamente, mas ao mesmo tempo perceber que deixamos um pouco de nossas almas naqueles momentos, que agora chamamos de memórias.

A concretização do projeto se deu em forma de exposição, resgatando a memória não só das participantes da oficina, como também do público, que teve a oportunidade de deixar em um painel interativo suas próprias histórias e memórias vestidas. Estas recriações poéticas de memórias foram, portanto, um meio para compartilhar e reavivar outras histórias.

Todo este processo foi ainda acompanhado pelos fotógrafos, gerando um material de registro fotográfico e vídeo, promovendo desta maneira a integração entre as linguagens, foco do edital de Artes Integradas.

REFERÊNCIAS

AUSLANDER, Leora, Beyond Words. **American Historical Review** . n. 110, 2005, p. 1015-1045.

STALLYBRASS, Peter. Worn Worlds. Clothes, Mourning, and the Life of Things. **The Yale Review**, Volume 81, Number 2, 1993. p. 35-50.